

BÁRBARA NO INVERNO: CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESVAZIAMENTO DA EXPERIÊNCIA DIANTE DA SITUAÇÃO POLÍTICA EM UM CONTO DE MILTON HATOUM

Claudenice da Silva Souza ¹
Livramento Fernanda de Lima Araújo ²

RESUMO

Em nossa literatura, há muitos autores e autoras que cumprem um papel importante no sentido de abordar temas relevantes que nos fazem refletir. Dessa forma, destacamos o escritor Milton Hatoum com seu conto “Bárbara no inverno”, que está no livro *A cidade ilhada* publicado em 2009. Trata-se de uma narrativa com uma situação histórica bem demarcada e com consequências visíveis e problemáticas tanto no plano da ação quanto no plano dos sentimentos que se diluem em favor de uma situação que oprime e causa sofrimento. Portanto, nosso objetivo é compreender de que maneira o momento político da época tem participação na forma como os personagens lidam com suas vidas e até que ponto influencia até mesmo em sentimentos e decisões contribuindo para o esvaziamento da experiência. Para alargarmos a nossa reflexão acerca da narrativa, traçamos uma intertextualidade com a letra da canção “Atrás da porta”, de Chico Buarque e de Francis Hime, a partir da qual o conto faz lembrar em diversos momentos a situação representada na música. A saudade é um sentimento presente nos dois personagens principais; e Paris, o lugar do exílio, não os satisfaz. Para nortear a nossa discussão, trazemos contribuições de Walter Benjamin (1987), que tece argumentações em torno do empobrecimento da experiência humana na modernidade. Ademais, Motta (2007), Mateus (2014), e Mota e Braick (2005), entre outros autores, também são comentados.

Palavras-chave: Ensino, Narrativa, Milton Hatoum, Esvaziamento da experiência.

INTRODUÇÃO

O conto “Bárbara no inverno”, do escritor Milton Hatoum³, está no livro *A cidade ilhada*, publicado em 2009. Trata-se de uma narrativa com uma situação histórica bem demarcada e com consequências bastante visíveis e problemáticas tanto no plano da ação quanto no plano dos sentimentos que se diluem em favor de uma situação que oprime e causa sofrimento.

Bárbara e Lázaro são namorados e moram em Paris porque ele é exilado durante o governo militar no Brasil. Portanto, tendo em vista o contexto histórico que permeia a narrativa, nosso objetivo é **compreender de que maneira o momento político da época**

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, clau909silva@gmail.com;

² Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, livfernanda2@gmail.com.

³ O escritor Milton Hatoum nasceu em 1952, em Manaus (Amazonas).

tem participação na forma como os personagens lidam com suas vidas e até que ponto influencia até mesmo em sentimentos e decisões contribuindo para o *esvaziamento da experiência*. Para tanto, propomos uma discussão voltada para possíveis consequências na vida dos personagens do conto em decorrência do período histórico denominado ditadura em nosso país na medida em que consideramos o esvaziamento da experiência percebido por Walter Benjamin.

Ademais, refletimos acerca da personagem Bárbara e de outros personagens importantes na narrativa e de como o momento que vivem influencia diretamente em seus sentimentos e ações. Ademais, observamos situações em que o enredo sugere instantes presentes na canção que era ouvida pelo casal e como a intertextualidade demarca o sofrimento vivenciado por eles diante do cenário político.

A DITADURA NO CONTO

Em seu célebre texto intitulado *Experiência e Pobreza*, Walter Benjamin tece argumentações em torno do empobrecimento da experiência humana na modernidade. O autor dá um exemplo histórico ao dizer que os combatentes da terrível Primeira Guerra Mundial voltavam silenciosos dos campos de batalha. Para ele, a situação não é estranha tendo em vista que nunca haviam ocorrido condições estratégicas – ao se referir à guerra de trincheiras – econômicas, sociais e morais mais drasticamente desmoralizadas do que as que submeteram os indivíduos na época. Como explica, uma geração que em tudo se viu abandonada; a destruição rondava os lares e os seres humanos tornavam-se frágeis. A partir do argumento histórico, ele demonstra que a humanidade se retraía em si mesma diante do sofrimento.

Em face da ideia de que nos perdemos de nossa própria cultura, o autor indaga qual o valor de nosso patrimônio cultural já que a experiência não o liga mais a nós. Como se houvesse uma crise generalizada, Benjamin (1987) expõe que os indivíduos não estão procurando ou desejando novas experiências e que, ao contrário, almejam libertar-se, desejam um mundo em que possam expressar a pobreza interna e externa que possuem. Nesse sentido, o autor confere à experiência um caráter pobre e exaurido na modernidade, como se tivéssemos sido totalmente esgotados pelos fenômenos históricos, sociais e tecnológicos que caracterizam nossos tempos.

Após tecer breves considerações acerca das ideias de Walter Benjamin, passamos a comentar alguns aspectos que julgamos relevantes para o esvaziamento da experiência

no conto “Bárbara no inverno”. Intentamos, dessa forma, perceber de que maneira o momento histórico influencia e contribui para o esvaziamento da experiência a partir de temáticas como a saudade, o exílio e o sofrimento

Diante da situação de exílio, Bárbara e Lázaro “viviam em Paris com o coração e o pensamento num canto do Rio: o apartamento avarandado de Copacabana onde moraram quase dois anos, conciliando a militância com o calor da paixão, até o dia em que Lázaro foi preso e Paris se tornou um destino temporário” (Hatoum, 2009, p. 77). A saudade é um sentimento presente nos dois personagens e, como percebemos na narrativa, o lugar do exílio não os satisfaz. Para eles, era provisório estarem para Paris, isto é, não pretendiam permanecer por toda a vida lá e acreditavam que um dia poderiam voltar. Um detalhe importante é que apenas Lázaro era exilado, Bárbara tinha ido com ele. Podemos notar nesse fato o exacerbado sentimento dela que, mesmo não tendo de deixar o país, abandonou a pátria para seguir com o namorado.

A saudade prevalecia quando iam aos bistrôs parisienses e recordavam, numa espécie de comparação, os botecos cariocas e a militância arriscada de Lázaro na época. Logo no início da narrativa, o casal ia ao mercado uma vez por mês e lá aliviavam um pouco a saudade ao sentirem o cheiro e ao comerem frutas que os faziam lembrar o Brasil. O primeiro sentimento que escolhemos para destacar neste trabalho faz parte de um conjunto complexo de consequências causadas pelo exílio. O casal estava em Paris, mas o tempo todo sentia falta de seu país, de seus costumes, de sua comida. Durante o governo militar, inúmeros brasileiros passaram por isso e por diversos outros tipos de horrores. Milton Hatoum, ao escolher essa época para colocar em seu conto, nos dá a oportunidade de olhar mais uma vez para esse momento histórico tão marcante.

A angústia ocasionada pela saudade – de não poder passear nas mesmas ruas, de não poder estar no apartamento de Copacabana, de não comer a comida de costume, de não sentir na pele o clima brasileiro – é um dos aspectos que destacamos como responsáveis pelo esvaziamento da experiência no conto. Ao não poderem ter suas vidas de antes iam se esvaziando, como se deixassem de viver aos poucos por não estarem em seu lugar de origem. O casal vivia sonhando com a volta para o Brasil, isso lhes restituiria a experiência no sentido de que lhes devolveria a vida.

À medida que vamos lendo o conto, nos deparamos com diversos elementos que configuram o momento histórico que os personagens estão vivendo. Elencamos os que mais nos dizem algo em relação às consequências deste para a vida do casal. Ao falar sobre os amigos dele, o narrador diz que

Bárbara só tolerava as conversas no mercado, mas não suportava a intimidade com expatriados e exilados nem com franceses que só criticavam a violência no Brasil, sem nunca mencionar o colonialismo na Indochina e na África, o genocídio na Argélia e a França do marechal Pétain. Lázaro concordava, mas seus amigos não eram assim: **a amargura e a revolta eram inevitáveis, a barbárie se alastrava na América Latina e era normal que ele e os amigos falassem disso** (Hatoum, 2009, p. 78, grifo nosso).

Como podemos perceber, o posicionamento de Bárbara dá um panorama de como o sofrimento se alastrava por outros países devido aos governos dominadores da época. Se observarmos bem, poderemos deduzir que o fato de Bárbara não querer intimidade com expatriados – mesmo sendo amigos de seu namorado – pode estar relacionado com a sua própria sensação de exílio. Ela tinha noção de que milhares de pessoas sofriam por todo o mundo com governos autoritários e seu namorado era um exilado, não queria ninguém além de Lázaro no apartamento.

A amargura e a revolta eram consequências que não podiam evitar e por esse motivo falavam disso, reuniam-se para discutir. “Bárbara chegava da redação da RFI com notícias sinistras da América Latina: prisões, mortes, sequestros, torturas” (Hatoum, 2009, p. 78). Não era apenas a prisão, pois outras formas de punição eram executadas pelos militares. O próprio conto vai mostrando o caminho para adentrarmos um pouco nessa época tão tenebrosa de nosso país. Lázaro e os amigos discutiam exaltados e depois prevaleciam, de acordo com o narrador, a impotência e a revolta. Eles sabiam o que estava ocorrendo e não podiam realizar nada em favor disso, estavam presos mesmo estando em outro país. Esse fato também contribuía para o esvaziamento da experiência porque diminuía suas forças e minava pouco a pouco as esperanças de que algo pudesse melhorar.

As reuniões aconteciam no apartamento do casal e Bárbara não gostava disso, pois as amigas de Lázaro pareciam, a seu ver, oferecidas, principalmente Francine. Os comentários que fazia em relação aos encontros eram sempre os mesmos, referia-se a eles como *nostalgia de parasitas*. O termo *parasita* demonstra um pouco a maneira como os exilados estavam fora de seus países e nos remete tanto à saudade que sentiam quanto à falta de atividade. Essa situação parece desoladora e, na verdade, é. Como consequência dessa angústia, eles terminavam o almoço na hora do jantar e ficavam cogitando sobre o que poderiam fazer em relação à conjuntura política.

Então, numa discussão com o namorado, Bárbara fala que já sabe decorado o que Jean-Paul, um dos amigos dele, vai dizer antes de cair bêbado. “Quero conhecer o Brasil,

mas só depois da queda do governo militar. E você vai concordar: Claro, com os gorilas no poder, nunca, e Jérôme vai fazer um brinde com uma caipirinha: Pelo fim do gorilato, de todos os gorilatos [...]” (Hatoum, 2009, p. 80). Sua fala deixa entrever uma crítica aos encontros de Lázaro com os amigos, ela os julga negativamente porque a maioria não trabalhava e porque bebiam muito. Pelas palavras de Bárbara, os amigos conversavam sempre as mesmas coisas. Através do discurso que a personagem já sabe de cor, vemos a forma como eles se referiam aos governos da época.

Rodrigo Patto Sá Motta, professor do Departamento de História da Universidade Federal de Minas Gerais, destaca que a figura caricatural do gorila é bastante conhecida. Em seu texto *A figura caricatural do gorila nos discursos da esquerda*, o autor tem como objetivo mostrar o papel ocupado por essa figura no imaginário que foi construído pelas esquerdas no início da década de 1960 no Brasil. A imagem acabou por dar origem à representação caricatural usada na ditadura. Motta (2007) explica que o termo surgiu na Argentina e acabou se adaptando às ideologias de esquerda de nosso país. Na narrativa, os amigos de Lázaro eram de países diferentes – franceses e argentinos. Esse detalhe demonstra porque tanto Lázaro quanto eles conheciam o termo com o qual se referiam ao governo.

Dessa forma, segundo aponta Motta (2007), vista como arma discursiva, a imagem caricaturada do gorila representa metaforicamente que os governantes de direita possuíam as mesmas características que o animal e estava associada ao atraso. Ele explica ainda que “a besta não foi escolhida de maneira aleatória: o gorila sugere um ser dotado de força maciça, brutal, mas, ao mesmo tempo — e aí reside parte do efeito cômico —, o animal evoca a ideia de rudeza, de ignorância” (Motta, 2007, p. 198). Portanto, o gorila representava, diante daquele momento histórico, a brutalidade e a estupidez, a força que dominava e oprimia. No pensamento de esquerda, encontrava-se, de acordo com o autor, a ideia de que nas forças de direita estavam a repressão, a ignorância e o atraso, elementos que faziam a população sucumbir. Interessante é destacar que na narrativa de Milton Hatoum esse detalhe ideológico que se projetava na figura do gorila não é esquecido. Lembremos que o personagem faz um brinde pelo fim de *todos os gorilatos*, isto é, tinham consciência e sofriam também por causa de outras situações políticas e não somente pelo Brasil.

A PERSONAGEM BÁRBARA

Na época em que moravam no Brasil, quando Lázaro saía, Bárbara ficava trancada no apartamento, com medo de que ele não voltasse mais. Essa atitude se configura como uma das características da personagem, porque mesmo não tendo coragem de assumir a militância tal qual o namorado fazia, ela ainda continuava com ele, o sentimento que nutria a impulsionava a isso. Em Paris, sua vida se resumia à redação na qual trabalhava e a Lázaro, ou seja, não tinha outro tipo de comunicação senão com o trabalho e com o namorado, já que nem mesmo com os amigos dele ela ficava, trancava-se no quarto quando chegava da RFI e eles estavam lá fumando, bebendo e falando de política. Ela não falava com seus colegas de trabalho e nunca mencionara o nome de Lázaro com ninguém.

Depois de terem fortes discussões, Lázaro sumiu e Bárbara passou a esperar por ele. Começou a chegar atrasada em seu trabalho, não mais participava das reuniões de pauta e as notícias sobre o Brasil a perturbavam. À noite, ouvia a música que eles haviam dançado inúmeras vezes; entrava nos mesmos lugares que ele frequentava e o procurava pela cidade. O fato de seu comportamento ter mudado até mesmo em seu trabalho nos faz pensar numa espécie de obsessão da parte de Bárbara, como se nada mais importasse para ela porque Lázaro havia ido embora de sua vida. Nesse sentido, a personagem sofre o esvaziamento afetivo, sua experiência com o namorado começa a se transformar em algo ruim e isso a modifica porque, ao que parece, ela não tem forças para reagir diante disso.

São muitas as causas que contribuem para esse esvaziamento, pois sua vida se limitava ao trabalho e ao namorado, como já dissemos. Além disso, ela preferia que Lázaro não levasse seus amigos para casa. No entanto, as reuniões faziam bem a ele porque estava engajado politicamente e era justamente por causa do estado caótico do país que ele havia sido mandado para fora. Mas as opiniões de ambos não eram as mesmas. Bárbara já havia lhes chamado de parasitas. O ciúme foi crescendo e ela foi se tornando mais agressiva e desesperada como se estar viva dependesse dele.

Ao receber um cartão-postal vindo de Marselha no qual Lázaro diz que voltaria a Paris antes do inverno, Bárbara fica extremamente feliz. Assim, suas dúvidas sobre com quem ele estaria – Francine ou Laure – transformaram-se em culpa, numa espécie de autocrítica descontrolada e exasperada: “Fui egoísta e precipitada, pensou, escutando a música que não era para os dois” (Hatoum, 2009, p. 86). O cartão-postal parecia dizer-lhe que a culpa era dela e não dele. Ela voltou a ouvir a música e passou a andar maquiada e dizer na redação, rindo nervosamente, que ele ia voltar, mesmo que ninguém soubesse de quem se tratava.

INTERTEXTUALIDADE COM A CANÇÃO *ATRÁS DA PORTA*

Durante todo o conto, há momentos em que o narrador fala de uma canção específica que fazia parte da vida do casal. Vez ou outra ela a ouvia enquanto jantava e bebia rum. Vejamos neste trecho:

No começo do namoro os dois ouviam a mesma música quase todas as noites e, no tempo em que moraram juntos no Brasil, a paixão e a política se completavam; depois do primeiro inverno em Paris, o exílio, a solidão e a saudade do Rio os uniam e, quando a melancolia os deixava abatidos, Bárbara punha o disco e esperava a música, como se *aquela* canção tivesse o poder ou a magia de exorcizar qualquer vestígio de ameaça e mesmo indiferença à vida amorosa. Essa música não conta a nossa história, dizia ela [...]. (Hatoum, 2009, p. 79, grifo do autor)

Embora seja citada em vários momentos da narrativa, apenas no fim é que ficamos sabendo, a partir de trechos da canção, de qual música se trata⁴. Como podemos perceber no trecho acima, a canção os unia nos momentos de solidão em Paris, solidão esta em grande parte causada pela situação de exílio em que estavam. Logo, a canção funcionava como um elo que os ligava e os amparava diante do inverno parisiense e da constante aura de melancolia. Mesmo gostando muito da música, ambos sempre afirmavam que aquela não era a história deles, pois a voz feminina que há na letra fala de um momento triste em que o olhar de seu amor era de um adeus e o desespero toma conta da situação. Por isso, o casal da narrativa sempre afirmava que aquela canção não contava a história deles, embora a escutassem quase todas as noites no início do romance e continuassem a ouvi-la nas noites frias de Paris.

À vista disso, numa intertextualidade com a letra da canção, o conto faz lembrar em diversos momentos a música de Chico Buarque e de Francis Hime. Como, por exemplo, quando no aniversário de Lázaro, Bárbara chegou da redação, nem mesmo cantou os parabéns para o namorado junto com os amigos dele e foi direto para o quarto. “Escondida **atrás da porta**, Bárbara viu o beijo furtivo de Francine na boca de Lázaro e pensou que não podia ser um beijo de amizade, como o beijo de Laure, seco e breve, no rosto do aniversariante” (Hatoum, 2009, p. 81, grifo nosso). Na música, a voz feminina diz: “no tapete **atrás da porta**”. Colocar-se *atrás da porta* nos parece, em certa medida,

⁴ “Atrás da porta” foi lançada em 1972 e é a primeira parceria de *Chico Buarque* com Francis Hime, celebradamente interpretada pela cantora Elis Regina.

uma atitude de quem se protege contra algo externo. No conto, a personagem se utiliza desse gesto para espiar a atitude dos amigos e de Lázaro, mas principalmente de Francine – que ela acreditava ser uma ameaça.

Na mesma noite, uma discussão fez com que Lázaro assumisse a decisão de não mais se importar com ela, adia a voltar para casa, temia as brigas com ela. A relação dos dois se esvaziava cada vez mais, como no trecho: “Cochilava, acordava e, ao ver o filete de luz sob a porta do quarto, pensava: ela passa a noite em vigília, quer ver se eu saio de madrugada [...]” (Hatoum, 2009, p. 83). Vale destacar que nesse momento o narrador nos permite ver a maneira como Lázaro lida com isso, pois essa é a visão dele em relação à situação vivida com Bárbara. Ele a conhecia e sabia dessa atitude de se pôr atrás da porta e cogitava o fato de que ela passava a noite espreitando para saber se ele iria ou não sair. Além do exílio que vivia, diante da situação com a namorada, surgia uma espécie de prisão dentro de seu próprio apartamento. Isso acabava também por contribuir para a desilusão e para o esgotamento dos sentimentos. O narrador deixa subentendido se ela estava ou não em vigília quando “[...] mais tarde ele via ou julgava ver a porta entreaberta e o olho na fresta” (Hatoum, 2009, p. 83). Quando ele foi embora, Bárbara passou a noite acordada esperando que ele voltasse. Pela manhã, ainda permanecia lá, e o pior de tudo: com uma faca na mão. A atitude é medonha e sombria.

Primordialmente, uma das cenas mais marcantes e que fazem referência à música é quando Lázaro acorda no meio da noite e se assusta ao se deparar com ela nua na penumbra. Bárbara começa a insultá-lo e a maldizer a vida de ambos. O verbo *maldizer* está presente tanto na narrativa quanto na canção e é uma das evidências explícitas da intertextualidade. Na letra da música, a voz feminina maldiz o lar; no conto, Bárbara maldiz a vida do casal, certamente referindo-se também ao fato de estarem fora do país e de não mais serem felizes. Depois, o choro foi o que conseguiu expressar a dor que sentia. A continuação desse momento é ainda mais triste:

Bárbara se curvou para beijar sua boca, e ele não pôde disfarçar a frieza dos gestos quando ela tentou abraçá-lo com um desespero de naufrago. **Então ela o puxou pelos cabelos como se pedisse uma última noite de amor**, e ele não reagiu e começou a dizer com uma voz medrosa: Nossa história foi..., e o estalo da bofetada calou-o e logo o chute no abajur e um choro convulsivo que esmaeceu quando ela se fechou no quarto (Hatoum, 2009, p. 83, grifo nosso).

Nesse sentido, a atitude de Lázaro, ao agir de maneira fria quando ela tentou beijá-lo e abraçá-lo com desespero, pode ser comparada ao que é dito na canção: “Quando olhaste bem nos olhos meus / e o teu olhar era de adeus”. A frieza, nesse caso, pode ser o adeus da canção, assim como quando ele começa a dizer “Nossa história foi...”, mas Bárbara não o deixa terminar, pois o verbo *ser* – no pretérito perfeito do indicativo – já a faz antever um fim para a relação dos dois. Ao compreender isso, seu desespero é tamanho e sua reação acaba sendo violenta: o narrador faz uma espécie de comparação, como se no gesto de Bárbara de puxar os cabelos do namorado houvesse o pedido de uma última noite. Vejamos na letra da canção: “Juro que não acreditei / Eu te estranhei / Me debrucei / sobre o teu corpo e duvidei / E me arrastei e te arranhei / E me agarrei nos teus cabelos”. Por não acreditar que ali era o fim, a mulher debruça-se sobre o homem e começa também a ter gestos violentos. Na narrativa, ela puxa os cabelos de Lázaro; na canção, a mulher agarra os cabelos do homem. É mais um momento que conseguimos perceber como intertextualidade entre as artes.

A situação final do conto é quando Bárbara vê o nome de Lázaro na lista de anistiados e decide ir para o Brasil, pois pensava que *talvez* ele a estivesse esperando. Mesmo com dúvidas, não deixa de ir atrás do namorado, envolvida por uma paixão avassaladora. Ao chegar ao Rio, nem mesmo quis procurar por sua mãe porque não queria ouvir os comentários em relação a Lázaro – que era ateu e malvestido –, pensou apenas em deixar um bilhete para ela; reescreveu e rasgou e, angustiada, começou a chorar. Bárbara caminhou por Copacabana, comeu no bar no qual teve o primeiro encontro com Lázaro, lembrou os nomes das ruas, restaurantes e botecos. Era a saudade e o reconhecimento da pátria que a assolavam naquele momento. Havia a sensação de pertencimento ao lugar, embora uma ausência lhe entristecesse. Deu-se conta de que não se lembrava de amigo algum, isto porque não sabia, como diz o narrador, o que era a amizade. Bárbara era fechada em si mesma e o único que tinha um espaço era Lázaro, mas naquele momento a solidão a invadia, já que ele não estava com ela.

Ao entrar no apartamento de Copacabana, Bárbara “parecia estar surpresa com seus próprios gestos, medidos e calculados: ligar o aparelho de som, **pôr o disco com a música que não tardaria a tocar**, esperar furtivamente na varanda e escutar o barulho da chave na porta e a voz de Lázaro [...]” (Hatoum, 2009, p. 87-88, grifo nosso). Até o fim, ela não se esqueceu da canção e pôs o disco para tocar no apartamento, porque pretendia esperar por Lázaro na varanda. A situação final é chocante: Lázaro chega com uma mulher de nome Cláudia e se assusta ao ouvir a canção. Bárbara, espiando da

varanda, reconheceu Fabiana – de quem não chegara a desconfiar. “Então durou sete ou oito segundos: Lázaro escutou o choro ou a risada diabólica antes de ver o rosto de Bárbara, e entendeu que era o fim” (Hatoum, 2009, p. 87-88). Ali estava a vingança de Bárbara: pulou do prédio. Lázaro e Cláudia ouviram na voz de Chico Buarque cantando baixinho no disco: “E me vingar a qualquer preço”, diz a canção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Samuel Mateus (2014), doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa, que tem como ponto de partida as meditações de Walter Benjamin para escrever seu texto, aponta que há nas palavras do autor uma *retração da experiência*. Não podemos discordar de sua afirmação nem mesmo deixar de refletir sobre essa retração no conto do qual aqui fizemos uma breve análise. Há um recolhimento nas atitudes dos personagens que sofrem com a situação política da época retratada no conto, a ditadura. Lázaro, ainda que tivesse amigos que estavam na mesma situação que ele e que participasse de reuniões, sentia falta de seu país, revoltava-se com as notícias cruéis que recebia. O sentimento de impotência começava a fazer parte de si mesmo e assolava a todos.

No conto, é possível perceber uma solidão que enclausura os personagens e que os faz estar cada vez mais distantes de si mesmos. Por isso, o esvaziamento da experiência. A revolta, o sofrimento, a saudade e a impotência acabam por gerar um esgotamento da experiência política em Lázaro e em seus amigos. Esgotamento esse que se identifica intimamente com a angústia que sentiam. Reunirem-se para fumar, beber e falar sobre isso era uma maneira de expressar e de se libertar um pouco do enclausuramento em que viviam. De acordo com Samuel Mateus (2014), por terem suas experiências esvaziadas, os homens precisam começar de novo. Mas, na narrativa, a situação política causava horror e retraimento e não permitia um recomeço porque nem mesmo podiam estar em suas pátrias.

No caso de Bárbara, a personagem sofre com o ciúme, sentimento que a corrói e a leva às últimas consequências. O cenário político a perturbava e como havia mulheres das quais ela não gostava entre os amigos do namorado, via – ou achava que via – motivos para sentir ciúmes e querer proibir as reuniões nas quais havia as discussões sobre a situação política. Chegava ao apartamento e perguntava se ainda estavam falando de política, dando a entender que era esse o único tema sobre o qual tratavam e que isso não

a agradava. Para ela, a lascívia estava presente nesses encontros e julgava Francine como a mais sedutora. Mas, no fim do conto, ficamos sabendo que Fabiana – codinome de Cláudia em Paris – foi quem ficou com Lázaro. O narrador deixa a incógnita sobre em que momento os dois se aproximaram.

Destarte, o que choca é a atitude de Bárbara. A distância de seu país e de seus familiares, a militância do namorado e a situação política da qual tinha medo mesmo estando em Paris contribuem para o esvaziamento da experiência de Bárbara. Mas principalmente sua maneira de lidar com a relação e a forma de enxergá-la, como se dependesse de Lázaro para viver, são os elementos que contribuem para um esvaziamento afetivo da personagem. Esvaziamento este que está atrelado ao momento histórico desesperançado e melancólico do Brasil. Ironicamente, por mais que Lázaro e Bárbara tenham repetido que a canção não condizia com a história deles, ao decorrer da narrativa, muitas situações acabaram por se assemelhar com o que diz a letra da canção.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura (Obras escolhidas. Vol. 1). Tradução de Sérgio Paulo Rouanet; Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 114-119.

GOUVEIA, Arturo; SEVERO, Sulenita (org.). **Machado de Assis desce aos infernos**. 2. ed. Coleção Ambiente 4. João Pessoa: Ideia, 2011. 310 p.

HATOUM, Milton. **A cidade ilhada**: contos. – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MATEUS, Samuel. A Experiência e a Vivência – proposta de uma teoria modular da comunicação. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | **E-compós**, Brasília, v.17, n.2, p. 1-14, mai.-ago. 2014.

MOTA, Myriam Becho; BRAICK, Patrícia Ramos. Capítulo 11 – O regime autoritário no Brasil. In: **História: das cavernas ao terceiro milênio**. 1. ed. – São Paulo: moderna, 2005.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A figura caricatural do gorila nos discursos da esquerda. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 9, n. 15, p. 195-212, jul.-dez. 2007.